



O Centenário da Primeira Impressão Mineira¹

Jairo Faria Mendes²

PUC Minas

Resumo: A primeira impressão mineira, reconhecida pelos historiadores, ocorreu em 1807, em Vila Rica. O governador da capitania quis de todas as formas ver impresso um poema que o homenageava e, por isso, pediu ao padre José Joaquim Viegas de Menezes que realizasse a tarefa. A técnica utilizada foi a da calcografia que consiste da utilização de chapas fixas de cobres. O trabalho não foi fácil, exigiu o uso de técnicos e equipamentos da Casa da Moeda, e demorou três meses para ser realizado.

Palavras-chave: história da imprensa, Minas Gerais e primeira impressão.

O ano de 2007 deve ser comemorado pelos mineiros, principalmente pelos seus profissionais de comunicação. A primeira impressão ocorrida nas Minas Gerais, reconhecida pelos historiadores, está completando seu centenário. O autor do feito foi o padre José Joaquim Viegas de Menezes, que utilizou o sistema da calcografia (que será explicado adiante) para imprimir um longo poema em homenagem ao então governador da capitania. O padre também foi pioneiro em várias outras coisas relacionadas à história da imprensa mineira, como a construção do primeiro prelo.

A primeira impressão mineira, de 1807, tem grande importância na história por ser anterior a instalação da *Imprensa Régia*, no Rio de Janeiro, em 1808, com a vinda da família real ao Brasil. Foi uma das poucas experiências de imprensa ocorridas no Brasil, sem o aval direto da Corte Portuguesa.

As experiências anteriores a *Imprensa Régia* ocorreram no Paraná (1700), Pernambuco (1709), Rio de Janeiro (1746) e Minas Gerais (1807). Elas têm sido

¹ Trabalho apresentado no GT de Mídia Impressa, V Congresso Nacional de História da Mídia.

² Jairo Faria Mendes é doutor em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo, mestre em Comunicação e Cultura pela UFRJ, jornalista e professor da PUC Minas. E-mail: jmendes@pucminas.br

consideradas como exemplos de rebeldia, por não ter tido autorização da Coroa e dos órgãos censórios. No entanto, as duas principais (a do Rio de Janeiro e a das Minas Gerais) foram iniciativas dos governantes destas capitanias.

Nas Minas Gerais, a primeira impressão nasceu da vaidade do governador da capitania, Pedro Maria Xavier de Athayde e Melo, o visconde de Condeixa, que queria dar destaque a um poema que trazia exagerados elogios a ele. Por isso, o governador saiu em busca de alguém que pudesse realizar o feito, e encontrou o padre Viegas.

O religioso havia aprendido bastante sobre a arte de impressão na *Oficina e Casa da Literária do Arco do Cego*, que funcionou em Lisboa, de 1799 a 1801. Esta oficina tinha a direção do mineiro frei Mariano da Conceição Veloso (primo do mártir Tiradentes), e tinha sua produção voltada para modernização da agricultura do Brasil, especialmente das Minas Gerais, como mostram as listas de livros enviados à colônia. Participavam do projeto muitos mineiros (inclusive pessoas ligadas à Inconfidência), e personalidades importantes do Brasil (como Hipólito da Costa) e de Portugal (como Bocage). Lá Viegas, que era muito amigo do frei Veloso, traduziu do francês para o português a importante obra *Tratado da gravura a água forte e a buril, e em madeira negra, com o modo de construir as prensas modernas e de imprimir em talho doce*.

O padre retornou às Minas Gerais pouco tempo depois do fechamento da oficina, mas continuou realizando impressões. Ele produzia cópias de santinhos (inclusive com ilustrações) e presenteava amigos. Não se sabe que material e qual técnica ele utilizava para o trabalho.

Logicamente, as impressões do padre chamavam bastante atenção dos moradores de Vila Rica. Por isso, o governador o procurou para ver impresso o poema que tanto lhe agradava. O padre aceitou realizar a tarefa por o governador garantir que assumiria toda a responsabilidade pela impressão.

A biografia de Viegas publicada no *Correio Oficial de Minas*, em 1959, descreve um diálogo entre o padre e o governador. O autor do trabalho diz que ouviu o padre Viegas repetir muito essa conversa.

- Meu Viegas, lhe disse, está resolvido o problema.
- Como, sr.?



- Como lho digo; querendo o meu Padre dar-me mais uma prova de sua dedicação e amizade.
- Todas, quantas v. exc. de mim exija e caibam em minhas forças e pequena habilidade.
- Pois bem; o meu Padre tem já feito alguns ensaios de trabalhos calcographicos, imprimindo para o seu divertimento e para brindar alguns amigos, diversas estampas, nas quaes tem gravado não só os nomes dos santinhos, como também algum dístico allusivo aos mesmos etc., ora, não é tão possível levar esses ensaios a um ponto maior, gravando estes versinhos que tanto me agradam?
- Já tive a honra de assegurar a v. exc. que estava prompto a fazer quanto em mim coubesse para comprazer-lhe, entretanto permitta v. exc. uma pequena reflexão...
- Sobre o grande trabalho que vai ter em consequência da extensão da poesia?
- Não, sr.; é sobre o compromettimento que a v. exc. possa provir, attenta a prohibição de trabalhos taes, em vista das ordens que do reino tem sido expedidas.
- Oh! Si é só isso não se afflija, tomo sobre mim toda a responsabilidade: mãos a obra, meu Padre. (DUARTE, 1906, p. 258)

O poema impresso

O poema, que foi dado como presente ao governador em seu aniversário e foi o primeiro texto impresso nas Gerais, é de péssima qualidade, de acordo com Cunha (1986). Seu autor, Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcelos, não tinha nenhum talento para a literatura, apesar de ser amigo de grandes escritores da época, como Cláudio Manoel e Tomaz Antônio Gonzaga. Sua preocupação também era mais de bajular do que produzir um texto de qualidade. Esse era um comportamento muito comum nos regimes absolutistas.

Quando ele apresenta os versos, o autor assume sua mediocridade, e se desculpa: “Queira pois V. Excia. aceitar nas seguintes mal rimadas e indigesta oitavas...”

Os exagerados elogios presentes no texto explicitam sua intenção de “bajular” ao governador. Como diz Cunha (1986, p, 25): “emana das estrofes tom lisonjeiro de patente servilismo”.

Diogo Pereira de Vasconcelos era português, tendo nascido na cidade de Porto, em 1760, e falecido, em 1812, no Rio de Janeiro. Era vereador e amigo do governador Visconde de Barbacena, responsável pela prisão dos inconfidentes. Depois do enforcamento de Tiradentes, Diogo de Vasconcelos fez um discurso elogiando a punição.

A calcografia

O padre Viegas escolheu utilizar a calcografia para a primeira impressão mineira. Ele também tinha bons conhecimentos sobre tipografia, mas seria bem mais difícil construir um prelo do que “abrir” chapas de cobre. Não que a calcografia fosse uma técnica simples, mas ela era mais viável para um empreendimento isolado.

Para realizar a tarefa, Viegas contou com técnicos e equipamentos da Casa da Moeda. Isso mostra como o trabalho era complexo. Mas, mesmo com esta ajuda, foram três meses de trabalho duro, aplainando e abrindo 11 chapas de cobre de tamanhos diversos.

Assim nasceu a imprensa nas Minas Gerais. Sendo que este primeiro impresso possuía 14 páginas, divididas da seguinte forma: a primeira página uma ilustração do governador ao lado de sua esposa, depois duas com a dedicatória ao estadista, dez contendo o poema, e a última com o *Mappa do donativo voluntario que ao Augusto Príncipe R.N.S. offerecerão os povos da Capitania de Minas-Geraes, no anno de 1806*. O poema aparece com maior destaque, em corpo 12. Na dedicatória é utilizado o corpo 8, e no mapa corpos 6 e 7.

Cunha (1986) explica como é impresso um trabalho através da calcográfica, ajudando a entender a experiência de Viegas.

Consiste a técnica da gravura a buril em descalçar sobre a prancha de cobre um desenho e, sobre este, ‘abrir’ um sulco com auxílio de um instrumento, o buril (...) A segunda etapa do burilista consiste em tintar a prancha, isto é, com auxílio de uma esponja embebida em tinta, a ‘boneca’, espalhar uniformemente o líquido (...) A terceira etapa (...) a prancha calcográfica, pressionada fortemente numa prensa cilíndrica, vai transferindo a tinta para o papel, onde fica estampado o desenho (CUNHA, 1986, p. 22)

De acordo com Cunha (1986), só existem quatro cópias dessa impressão: uma no Arquivo Público Mineiro, duas na Biblioteca Nacional e outra na Biblioteca do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Ela acredita que podem ter sido produzidas apenas estas cópias, por causa do grande trabalho que era imprimir através da calcografia, e dos riscos que existiam. Ela também diz que é difícil entender como foi possível a impressão. “Teria trazido as chapas de Portugal? Como teria reunido tantas folhas de papel para um empreendimento ilegal?” (CUNHA, 1986, p. 27).

No caso da impressão realizada por Viegas, Cunha (1986) exagera quando fala dos riscos do empreendimento. Não existia nenhuma proibição explícita a impressões no Brasil. Além disso, o trabalho havia sido solicitado pelo próprio governador da capitania, e era um mero poema que servia para massagear o ego do estadista.

No entanto, na biografia do padre consta uma conversa com o governador, em que Viegas diz temer realizar a impressão. Mas a conversa acaba com o governador tranqüilizando o padre. É normal pensar que Viegas temesse fazer algo novo sem a

autorização da Coroa, tendo em vista a posição do Brasil, como colônia de exploração. Mas isso não quer dizer que realizar a impressão foi algo rebelde, que pudesse ameaçá-lo. E, realmente, não houve qualquer manifestação contrária do governo português após a realização do trabalho.

O trabalho gráfico é de muita precisão, de acordo com Cunha (1986). “É obra de artista habituado a se utilizar de instrumentos de gravar tal como o buril” (CUNHA, 1986, p. 30).

O pioneiro padre Viegas

Muito pouco se conhece sobre ele. Quase todas as informações disponíveis devem-se a uma carta enviada, em 1851, por alguém que apenas registrou suas iniciais A.M., e afirmava ser amigo de Viegas. A correspondência foi encaminhada ao redator do *Correio Oficial de Minas*, com data de 3 de janeiro de 1852, por José Rodrigo Duarte. No entanto, não se sabe o motivo da correspondência só ter sido publicada em 1859. A pessoa que encaminhou a carta aparentava ser uma muito influente, e mostrava-se preocupado com o registro da memória de Viegas. Acredito que tenha sido José Rodrigo Lima Duarte, que foi redator de periódicos em Juiz de Fora, era médico e foi eleito deputado em sete legislaturas, e uma vez senador. Ele também foi ministro da marinha, e no final da vida recebeu o título de visconde Lima Duarte. Uma cidade mineira, próxima a Juiz de Fora, foi batizada com seu nome.

Na carta é possível observar uma grande admiração pelo padre, e a intenção de homenageá-lo. O autor da correspondência também deixa claro que não tem todas as informações necessárias para traçar a biografia de Viegas: “me faltam dados para bem desempenhá-la” (DUARTE, 1906, p. 257).



De Vila Rica a Lisboa

O padre Viegas nasceu em Vila Rica, em 1778, e foi abandonado na casa de Anna da Silva Teixeira de Menezes, que o criou como filho. Em 1830, faleceu Anna Caetana Josepha Viegas, e, em seu testamento, reconheceu o padre Viegas como filho, deixando-lhe todos os seus bens.

Com 11 anos, foi ao arraial do Sumidouro estudar gramática latina em uma escola particular. Dois anos depois voltou para Mariana, onde estudou humanidades. Destacava-se de seus colegas na busca pelo conhecimento, e, desde cedo, mostrava grande talento para o desenho. Em 1797, foi a Portugal, para dar continuidade aos estudos, sendo ordenado padre não se sabe se em 1800 ou 1801.

Em Lisboa, conviveu com frei José Marianno da Conceição Velloso, que também era mineiro, e dirigia a *Regia Officina Typographica, chalcographica, tipoplastica e Litteraria do Arco do Cego*, como já foi explicado anteriormente. Lá Viegas aprendeu as artes tipográficas e calcográficas. Em 1802, retornou a Vila Rica, e passou a praticar a arte da impressão nos momentos de descanso.

A tipografia

A primeira tipografia mineira também foi uma iniciativa do padre Viegas. Ela teve maior importância por ter sido totalmente construída na capitania, utilizando, inclusive metais da região. Foi mais uma demonstração de brilhantismo do pai da imprensa mineira.

Tudo começou em 1820 com um português que tinha um nome bastante pitoresco, Manoel José Barbosa Pimenta e Sal. Ele morava em Vila Rica, trabalhava como chapeleiro

e sirgueiro, e tinha muito talento para a mecânica. Também era um leitor voraz, e tudo indica que tinha uma boa biblioteca para os padrões da época. Seu principal livro era um dicionário de *Sciencias e Artes*³, em Francês, que o chapeleiro não conseguia ler por não entender esta língua. Tendo em conta o grande analfabetismo da época, pode-se imaginar a dificuldade de encontrar alguém que lesse em francês.

Por isso, o português se contentava em folhear e olhar as ilustrações do livro, tentando deduzir alguma coisa de seu conteúdo. Suas páginas preferidas eram as que traziam desenhos de equipamentos tipográficos.

Viegas fazia uma produtiva parceria com o português. O padre conhecia bem a língua francesa, podendo facilmente traduzir o texto para o chapeleiro, e também sabia bastante sobre como funcionava e o que compunha uma tipografia. Já o português contribuía com seu conhecimentos e habilidades mecânicas. Além disso, os dois tornaram-se muito amigos.

Por isso, resolveram construir uma tipografia, que ficou pronta em 1821. Depois de concluída, Viegas deixou-a com Manoel José Barbosa. No entanto, a tipografia só recebeu autorização para funcionamento em 20 de abril de 1822. Lá foram impressos os primeiros jornais mineiros, como o *Compilador Mineiro* (1823), *Abelha do Itaculumy* (1824) e o *Universal* (1825). Pela demora na autorização de funcionamento, esse prelo acabou não sendo o primeiro a entrar em atividade nas Minas Gerais. Uma tipografia oficial, criada pelo governo provisório, e descrita por Xavier da Veiga (1898) como “minúscula”, entrou em funcionamento alguns meses antes da construída pelo padre Viegas e seu amigo.

Os documentos seguintes, existentes no Arquivo Público Mineiro, provão que já em fevereiro de 1822 funcionava a minúscula typografia provincial, que aliás denominava se pomposamente – nacional...(XAVIER DA VEIGA, 1898, p. 183)

³ Este dicionário era provavelmente a *Encyclopédie* ou *Dicctionnaire Raisonné des Sciencies, des Arts et des Metiers*, produzida por um grupo de pensadores, tendo a coordenação de Diderot e D’Alembert. Ele era um “inventário crítico do

Sua personalidade

A correspondência biográfica publicada em 1859, no *Correio Oficial de Minas*, descreve Viegas como uma pessoa tranqüila, piedosa e humilde. Já na sua infância ele preferia os livros e o desenho (para o qual tinha grande habilidade) às brincadeiras com as outras crianças. Mas alguns detalhes da história do padre deixam claro que ele era muito sociável, inquieto intelectualmente e ousado.

Ele respondeu a processos civis, que o biógrafo diz serem injustos: “foram intentados por parte ou a instigações de indivíduos a quem jamais ofendera, antes obsequiara sempre...” (DUARTE, 1906, p. 266). Os motivos apontados são por “pretendidas usurpações de direitos paroquiais, já por infundadas pretensões de liberdade de escravos seus” (DUARTE, 1906, p. 266). Isso mostra um lado negativo de Viegas, ser proprietário de escravos. Mas, claro, tem-se que pensar em Viegas como um homem de seu tempo.

Alguns aspectos da vida do padre mostram que ele, apesar de não ter uma militância política, era conservador. Ele sempre esteve ao lado do poder, amigo do governador-general, no período colonial, que dá um depoimento elogioso a Viegas. Mas a maior prova de sua tendência conservadora é sua participação na revolta, em 1833, nas Minas, de caráter restaurador, ou seja, de apoio ao retorno de D. Pedro I.

O biógrafo diz que Viegas não teve qualquer envolvimento. Mas, se contradiz, ao contar que, ao se restaurar a legalidade, o padre fugiu disfarçado de Vila Rica, e depois foi condenado a seis dias de prisão. O padre recorreu. Segundo a correspondência ele teria dito: “Nem a seis horas, nem a seis segundos mesmo me sujeitarei, sem primeiro esgotar todos os recursos que estiverem a meu alcance para mostrar-me tal como sou, isto é, inocente” (DUARTE, 1906, p. 270). Num segundo julgamento ele foi absolvido.

No entanto, o padre parecia bem mais preocupado com seu trabalho eclesial, artístico e intelectual, do que em participar da vida política. Em Portugal, onde morou



provavelmente de 1797 a 1802, teve uma convivência fraterna com o frei Veloso, que dirigia a *Oficina do Arco do Cego*, em Lisboa.

Os brasileiros que iam estudar em Portugal, e formavam um grupo de intelectuais brasileiros, tinha como ponto de encontro a *Oficina do Arco do Cego*. Por isso, certamente o padre Viegas teve oportunidade de conviver com pessoas como Hipólito da Costa, o criador do nosso primeiro jornal o *Correio Braziliense*, e o poeta português Bocage.

Em Vila Rica, nas Minas Gerais, a casa de Viegas sempre vivia cheia. A correspondência diz que ele gostava muito de receber as pessoas, principalmente os franceses. Um de seus hóspedes foi um artista plástico francês chamado Palière, que o autor da carta chama de “mestre da casa real”, e que se entusiasma com as pinturas do padre.

O relato deixa claro que Viegas era muito querido. Quando foi absolvido em 1833, houve festa em Vila Rica. E, em 1º de julho de 1841, quando “essa alma benfazeja voou tranqüila à mansão dos justos” (DUARTE, 1906, p. 274), um grande número de pessoas se comoveu.

Referências Bibliográficas

BARBOSA, A. da Cunha. Origem e desenvolvimento da imprensa colonial brasileira. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Tomo 63, v. 102, 1901. p.239-262.

BRAGANÇA, Aníbal. *Uma introdução à história editorial brasileira*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, Centro de História da Cultura, 2002. 57-83p.

CAMPOS, Sandoval; LOBO, Amynthas. *Imprensa Mineira: Memória histórica – Edição comemorativa do centenário da independência (1822-1922)*. Belo Horizonte: Typ. Oliveira, Costa & Comp., 1922. 169p.

CARRATO, José Ferreira. O pai da imprensa mineira e o seu mundo. In: *Revista da Escola de Comunicações Culturais da USP*. São Paulo. V. 1, n. 1, 1968. p.65-100.



CUNHA, Lygya da Fonseca Fernandes da. *Uma raridade bibliográfica: O canto encomiástico de Diogo Pereira Vasconcelos impresso pelo padre José Joaquim Viegas de Menezes, 1806*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1986. 69p.

DUARTE, José Rodrigo. O padre José Joaquim Viegas de Menezes (N. em 1778 - M. no dia 1 de julho de 1841). *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, vol. 11, p.255-274. 1906.

FRIEIRO, Eduardo. Notas sobre a imprensa mineira. *Revista da Universidade de Minas Gerais*. Separata nº 12. Jan. 1962. p.64-83.

MACHADO, Abílio. História da imprensa mineira. Jun. 1929. *O Jornal* (edição especial). Rio de Janeiro. 22 dez. 1929.

RIZZINI, Carlos. *O jornalismo antes da tipografia*. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1968. 204p.

SEMERARO, Cláudia Marinho. Início e desenvolvimento da tipografia no Brasil. In: *História da tipografia no Brasil*. SP: Masp, 1979. p.5-21

VEIGA, José Pedro Xavier da. Um cimélio preciosíssimo. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Ouro Preto, vol. 1, ano I, p.155-160. jan./mar. 1896.

_____. A imprensa de Minas Gerais (1807-1897). *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Ouro Preto, vol. 3, ano III, 1898. p.169-249.

_____. O fundador da imprensa mineira: Padre José Joaquim Viegas de Menezes. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Ouro Preto, vol. 3., p. 240-249. jan./mar. 1898.